

IDENTIDADES, LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTO: 40 ANOS DE HISTÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS

Teresa Cruz e Silva, Amélia Neves de Souto e Colin Darch

O Centro de Estudos Africanos (CEA), uma unidade orgânica da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), foi criado em 1976. Engendrada por Fernando Ganhão, primeiro Reitor da então Universidade de Lourenço Marques,¹ esta instituição foi fundada pela emblemática figura de Aquino de Bragança e um grupo de jovens colaboradores recém-graduados.² O CEA teve mais tarde a preciosa colaboração de Ruth First, que assumiu as funções de Directora de Pesquisa. Pelas mãos desta sábia e dupla direcção e, com o apoio quase incondicional do Reitor, o Centro transformou-se rapidamente numa instituição de referência com notoriedade internacional. É no seguimento deste reconhecimento e com o impulso inicial de Aquino de Bragança, que mais tarde se vai situar a cooperação que se desenvolveu com Fernand Braudel Center³ que saiu beneficiada de uma certa identidade nas metodologias que ambos os centros partilhavam. Subsequentemente, outras acções de internacionalização do Centro tiveram o seu curso, a maioria das quais centradas nas suas linhas de pesquisa.⁴

1 Universidade Eduardo Mondlane depois de 1976. O actual CEA foi inspirado no Centro de Estudos Africanos criado em Lisboa, em 1951, por iniciativa de vários estudantes originários das colónias portuguesas em África, como, por exemplo, Amílcar Cabral, Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade. Este centro seria encerrado pela PIDE poucos anos depois da sua criação.

2 Entre os recém-graduados convidados como o primeiro grupo de colaboradores de Aquino de Bragança na fundação do CEA em 1976, estavam: Luís de Brito, Eulália de Brito, Ana Maria Loforte, João Morais, Ricardo Teixeira Duarte, Maria da Luz Duarte, Amélia Muge e Teresa Cruz e Silva, e mais tarde, António Pacheco.

3 O Centro Fernand Braudel da Universidade de Binghamton, em Nova York, foi fundado em 1976 pela emblemática figura de Immanuel Wallerstein, e notabilizou-se pelos estudos económicos, sistemas históricos e civilizações.

4 Informação pessoal de José da Mota Lopes a Teresa Cruz e Silva. 16 de Março de 2017.

Desde logo vocacionado para a pesquisa em Ciências Sociais, com um programa multidisciplinar e transdisciplinar, que incluía o ensino e debate permanente de ideias e a divulgação de resultados, o CEA procurou sempre, responder aos problemas reais de Moçambique. São disso testemunho, os primeiros programas de investigação que situaram Moçambique no contexto da África Austral, trazendo para debate questões geoestratégicas de carácter regional.

José Mota Lopes referia que, nas análises que se faziam não só se considerava Moçambique como parte integrante da África Austral, como também da economia mundial, “e procurávamos levar sempre em consideração os aspectos e o impacto de uma e outra situação estrutural”.⁵ Exemplos desses estudos podem ser encontrados em trabalhos como “O Mineiro Moçambicano” sobre o porto de Lourenço Marques, ou estudos sobre a África do Sul do *apartheid*, sobre a Rodésia/ Zimbábue e mais tarde sobre a Namíbia, para citar alguns, que marcam a dimensão das conexões regionais entre os vários países da zona austral do continente, e sua relação com a África do Sul.

Procurando responder aos problemas nacionais, o CEA desenvolveu vários estudos sobre questões centrais para Moçambique no âmbito do desenvolvimento económico e social, resultantes de estratégias e políticas governamentais e sua inserção regional.

As mudanças que se foram operando no país, como consequência de problemas internos e globais alimentaram os temas de pesquisa, que foram, conseqüentemente, sofrendo as alterações necessárias para questionar e tentar responder aos problemas reais. Neste contexto, não se pode ignorar a situação de guerra que assolou o país, cuja análise envolveu o CEA, sob direcção de Aquino de Bragança, embora circunscrito a um número muito restrito de investigadores.⁶

O curso em Estudos de Desenvolvimento e os cursos ministrados para as Faculdades de Agronomia e Veterinária, na UEM, como actividades de exten-

-
5. Informação pessoal de José da Mota Lopes a Teresa Cruz e Silva, 16 de Março de 2017.
 6. De acordo com José Mota Lopes, numa informação pessoal fornecida numa entrevista a Teresa Cruz e Silva, a 16 de Março de 2017, “ (...) havia grande confidencialidade nestes trabalhos que se produziram, destinados, sobretudo “aos olhos ou, com frequência, aos ouvidos do Presidente”. Um desses trabalhos, segundo o seu testemunho, foi um longo documento sobre a “gênese dos bandidos armados”. É adianta: “De certo modo, os textos assim elaborados complementavam e por vezes desmentiam com rigor estritamente académico outras leituras da situação que chegavam à Presidência. Com muita frequência comunicámos análises e conclusões que iam frontalmente contra as ideias oficiais, dominantes ou estabelecidas. [No entanto], nunca esta escolha, teoricamente crítica, e nossas conclusões foram condenadas pelos destinatários (...)”.

são, que contaram com a colaboração de experientes pesquisadores e docentes recrutados nas melhores escolas de Estudos Africanos e, as actividades desta instituição e suas estratégias de trabalho, marcaram os anos iniciais deste Centro e criaram o capital social que foi apropriado pelas gerações de académicos que se seguiram. Numa vertente diferente, mas enquadrada ainda nas mudanças introduzidas no CEA sobre metodologias de pesquisa, é importante referir a *Oficina de História* nascida nestes primeiros anos de desenvolvimento do Centro, no seio da qual se formaram pesquisadores moçambicanos.

Mesmo que os contextos actuais sejam bastante diferentes dos anos de 1976-1985/6 e ao longo da década de 1990, o legado deixado pelos trabalhos realizados nesse período transmite ainda uma força viva às novas gerações de pesquisadores e constitui igualmente um capital social que ajuda a mover esta instituição de pesquisa.

Ao longo dos anos, o CEA, tal como outros sectores da UEM, formou um quadro de pessoal nacional. Actualmente, o Centro conta com pesquisadores e docentes seniores, a maior parte dos quais ocupa cargos de liderança a diversos níveis, e tem uma equipa de jovens pesquisadores em formação pós-graduada, uma vez que esta é ainda uma fase de transição entre diferentes gerações, tal como aconteceu entre os expatriados e os nacionais, nos meados da década de 1980.

Os programas estratégicos do CEA, elaborados a partir de finais dos anos 1990, foram orientados por “um paradigma informado pelos ideais de igualdade, justiça, responsabilidade e relevância social e contextual, que estabelece a linha de continuidade entre passado e presente quando se exige a procura das respostas mais adequadas a uma realidade concreta”.⁷

Em Janeiro de 2016, o CEA celebrou 40 anos de existência. O momento das celebrações espelhou não só o reconhecimento dos elementos fundadores da instituição, mas mostrou sobretudo a existência de uma instituição que apresentava novos elementos de carácter inter-disciplinar, bem como a passagem para uma liderança de académicos formados fora das tradições da segunda e terceira gerações de pesquisadores nacionais “gerados” na instituição, pelas experiências de pesquisa e de trabalho do CEA, onde a profunda simbiose entre teoria e prática, delineou vários momentos da formação dos pesquisadores nacionais.

A celebração dos 40 anos do CEA serviu assim de um *leitmotiv* importante para fazer um exercício de auto-reflexibilidade sobre os caminhos trilhados

7 Conforme referido no primeiro Plano Estratégico desenhado no CEA.

pelas ciências sociais, onde foi necessário desconstruir o legado colonial para construir novas metodologias, visões e abordagens das várias realidades por que passou e passa Moçambique. Este repensar, leva ainda a reconsiderar o significado e as transformações da instituição em diversos contextos nacionais e internacionais de mudança, que marcaram as décadas de 1980 e 1990, e o significado das dinâmicas de um “novo CEA” que nasce nos inícios de 2000, quando a liderança da instituição marca o que poderemos chamar de corte umbilical simbólico com as duas gerações de pesquisadores nacionais que “comandaram” os destinos do CEA, depois da morte de Ruth First (1982) e mais tarde, de Aquino de Bragança (1986). Mesmo assim, pode-se ainda considerar esta fase inicial como sendo um período de transição, já que os pesquisadores seniores do CEA tentaram manter alguns laços com as metodologias de trabalho e os ensinamentos que marcaram as décadas de 1980 e 1990, estabelecendo pontes entre momentos e espaços diferentes da história deste centro. Exemplos dessa situação podem ser encontrados na recuperação dos seminários regulares para apresentação de resultados de pesquisa e partilha de ideias. Não se pode, no entanto, ignorar que o processo contínuo de mudanças dos contextos, em que se insere uma instituição de pesquisa como o CEA, se reflectem nos desafios enfrentados e a perseguir nos campos metodológico e epistemológico, que obrigam o Centro a “reflectir constantemente sobre os processos de adaptação a novas situações”.⁸

Com esta obra pretende-se trazer uma contribuição para a história de um centro de pesquisa, através das memórias dos que participaram directa e indirectamente na sua construção. Por essa razão, o livro vai reflectir um olhar sobre o mesmo objecto visto de vários prismas, através de artigos científicos, entrevistas e depoimentos de antigos estudantes, professores e de alguns ex-directores do CEA e ex-reitores da Universidade Eduardo Mondlane, onde o Centro emergiu e cresceu. As narrativas que compõem uma parte significativa deste livro, atestam assim a forma como o testemunho de cada autor e/ou informador lida com as lembranças e o esquecimento, num processo de construção e reconstrução da memória. Consequentemente, são também diversas e por vezes diferentes as leituras que os distintos protagonistas fazem dos contextos em que decorreram as fases de desenvolvimento do CEA, uma diversidade que, se por um lado reflecte a forma como esta instituição nasceu e cresceu, por outro lado, reflecte também a riqueza dos debates que circulam em redor do Centro.

Uma parte importante das contribuições para este livro trata da trajectória de uma instituição, onde há um conjunto de informações construídas a partir de um forte sentido de pertença que marca as diferentes gerações que passaram

8 Ver entrevista de Carlos Arnaldo neste livro.

pelo Centro. A forma como as memórias são seleccionadas, entre a lembrança e o esquecimento, são também o reflexo dos contextos do presente que legitimam ou justificam os papéis desempenhados pelas instituições em determinados momentos, fixando assim um certo número de referenciais identitários, apropriados de formas diferentes pelos seus actores.

Uma vez que a intenção dos organizadores deste livro nunca foi produzir a história do CEA, os textos que a seguir se apresentam são uma colecção de lembranças de um passado recente, escritas em momentos diferentes, que pretendem, acima de tudo, preservar a memória de uma instituição, cujo papel se considera importante para a compreensão dos passos dados na pesquisa em ciências sociais, num processo não linear de desconstrução e construção. O percurso deste centro, reflecte os caminhos trilhados pelo ensino superior em Moçambique, onde os contextos políticos, sociais e económicos nacionais e regionais influenciaram fortemente o seu itinerário.

Depois de um prefácio e desta introdução, o livro está organizado em grandes temas que reflectem, do ponto de vista dos seus organizadores, o mesmo número de grandes marcos da história da instituição. Embora cientes que outras opções na interpretação da evolução dos acontecimentos que marcaram melhor ou pior a produção de conhecimento no CEA possam deslocar as “balizas” convencionadas pelos organizadores, estas foram assim acordadas por motivos operacionais, que permitiram organizar numa única obra um conjunto de textos produzidos em diferentes formatos, que vão de narrativas a diferentes análises, até à simples introdução de documentos escritos que marcam os períodos em referência. Neste âmbito, está-se assim concordante com Paul Ricoeur, que: “Pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da acção assim como os contornos dela” (Ricoeur, 2010: 455).⁹

O livro tem como ponto de partida a fundação do CEA (1976), no contexto da única instituição de ensino superior existente no país, a Universidade Eduardo Mondlane (então Universidade de Lourenço Marques) e os desafios colocados à produção científica em ciências sociais, por um país recém-independente (1975) e guiado por uma ideologia socialista.

Abrindo com um depoimento do primeiro Reitor da universidade depois da independência nacional, Fernando Ganhão,¹⁰ os primeiros textos tratam ain-

9 Ricoeur, Paul (2010). *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP 3ª edição.

10 Seminário de um dia dedicado à memória de Ruth First, realizado em Agosto de 2007.

da de figuras marcantes na história da instituição, como Aquino de Bragança e Ruth First. São autores destes textos, Carlos Serra, Bridget O'Laughlin e Marc Wuyts.¹¹

Os textos de Ganhão¹² e de Serra¹³ produzidos em celebrações comemorativas de duas figuras que marcaram o rumo do desenvolvimento da pesquisa e ensino em Ciências Sociais em Moçambique são exemplos ilustrativos da forma como a memória deve ser permanentemente renovada para se manter viva, uma vez que ela não é espontânea (Nora, 1993).¹⁴ O'Laughlin e Wuyts, por sua vez, e a partir das vivências de cada um no CEA, trazem reflexões que situam não só o contexto sócio-político e económico, que se vivia em Moçambique, como abordam questões ligadas aos desafios enfrentados pelo ensino e a pesquisa no ensino superior, ao longo de quase duas décadas, bem como o papel desempenhado por Ruth First e Aquino de Bragança. Com estes trabalhos, estes dois autores, não diferindo de Ganhão e Serra, reavivam e renovam a memória institucional e o cunho individual imprimido pelos primeiros directores e os pesquisadores que participaram na definição das linhas de pesquisa e métodos de trabalho vigentes.

O agrupamento de textos, que se segue, procura representar alguns momentos simbólicos, que marcaram a história do Centro de Estudos Africanos, com narrativas ligadas ao curso de Estudos de Desenvolvimento, reunidas num texto da autoria de Amélia Neves de Souto. Para marcar outras faces da história deste centro de pesquisa, Gary Littlejohn e Colin Darch trazem uma análise sobre a *Oficina de História* e outras actividades do CEA. Colin Darch, por sua vez, apresenta um breve mas incisivo texto sobre as publicações académicas do CEA (1980-2004).¹⁵

É importante realçar como Amélia Neves de Souto trabalha as narrativas de vários protagonistas do curso de estudos desenvolvimento do CEA, mostrando mais uma vez as diferentes formas de apropriação dos ensinamentos deste centro de pesquisa, num revisitar, que cada um faz às marcas mais importan-

11 Carlos Serra frequentou o primeiro curso de Estudos de Desenvolvimento do CEA, enquanto Wuyts e O'Laughlin foram docentes e pesquisadores do Centro.

12 Celebrando Ruth First numa conferência de homenagem à directora de pesquisa do CEA.

13 Celebrando a figura e o papel de Aquino de Bragança homenageado com um Doutoramento Honoris causa pela Universidade Eduardo Mondlane.

14 Nora, Pierre (1993) "Entre História e Memória: a problemática dos lugares". In: *Revista Projecto de História*. S. Paulo, v.10, pp.7-28. Tradução para português a partir de Nora, Pierre (1984) "Entre *Mémoire et Histoire*". In Nora, Pierre, *Les Lieux de la Mémoire*. Paris: Gallimard.

15. Este texto é uma edição da transcrição da comunicação de Colin Darch ao seminário comemorativo dos 40 anos do CEA, realizado em Maputo, em 2016.

tes da recuperação e reinterpretação dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, Colin Darch e Gary Littlejohn mostram outras formas de interpretação dos percursos do CEA, numa visão que leva a descortinar áreas menos conhecidas do trabalho desta instituição.

O estudo de Moçambique no contexto da África Austral no período que antecedeu a queda do regime do *apartheid* constituiu um dos aspectos impulsionadores das discussões e estudos que se realizavam no CEA, desde a sua fundação, como transparece nos textos de O'Laughlin e Wuyts apresentados na primeira parte do presente livro.

No âmbito de uma economia regional e de um clima de tensão político-militar que rodeava a maior parte dos países vizinhos de Moçambique, era fundamental compreender as dinâmicas locais por forma a perspectivar os cenários futuros. A criação do Núcleo de Estudos da África Austral no CEA (mais tarde transformado em Departamento), que foi vital para a sua internacionalização enquanto instituição, marcou um período importante dos estudos realizados neste Centro. Rob Davies, cidadão sul-africano e uma das figuras emblemáticas deste departamento, numa entrevista concedida a Colin Darch, que constitui a secção seguinte deste livro, situa o papel desempenhado por estes estudos a nível nacional e internacional, através do seu percurso como académico e, particularmente, a partir do seu olhar sobre Moçambique e seu trabalho de pesquisa no CEA.

Em 1982, Ruth First é assassinada no seu gabinete de trabalho no CEA, através de uma carta-bomba. Em 1986, morre Aquino de Bragança, na queda do avião em que seguia o Presidente Samora Machel. São dois acontecimentos que marcam profundas mudanças na liderança da pesquisa no CEA, como alguns dos textos deste livro testemunham.

A queda do regime do *apartheid* nos inícios da década de 1990 leva a profundas mudanças políticas na região austral de África, com impactos nos temas de estudo do CEA que, gradualmente (se se exceptuar o caso da Namíbia), passa a concentrar-se em estudos sobre Moçambique. O texto que se segue, da autoria de Isabel Casimiro, Catarina Casimiro Trindade, Ximena Andrade, Withney Sabino e Gessica Macamo, através do percurso dos estudos sobre mulheres e género realizados no CEA e outros sectores da UEM, ilustra as formas como o passado e o presente se interligam, trazendo para debate questões teóricas para reflexão, em função do seu enquadramento histórico (1990-2018). Uma reflexão sobre o presente, centrada numa entrevista a Carlos Arnaldo, actual Director do CEA, mostra como o legado deste Centro pode ser re-enquadrado no contexto actual, para garantir uma produção científica de qualidade, sem deixar de apontar os desafios e obstáculos a enfrentar.

O livro encerra com uma reflexão de Jacques Depelchin, em jeito de proposta para futuras pesquisas, com um enfoque na emancipação da humanidade, através de uma descolonização do pensamento. Contudo, este autor reconhece que o caminho a percorrer ainda é longo.

Consta ainda, como anexo, um conjunto de documentos que procuram testemunhar, de forma modesta, os 40 anos do CEA e sua inserção na UEM. Cópias de documentos originais, recortes de jornais, exemplos de textos utilizados nas aulas do Curso de Desenvolvimento, assim como, testemunhos das actividades realizadas por alguns sectores do Centro, entre 1979 a 1980, fazem parte deste anexo.